

# SOBREVOO E TRILHAS DA PESQUISA: CAMINHOS PARA OLHAR A EDUCAÇÃO INFANTIL

Marta Nidia Maia<sup>1</sup>

*Todo desempenho infantil orienta-se não pela  
'eternidade' dos gestos, mas sim pelo 'instante' do gesto  
(BENJAMIN, 2002, p. 87).*

## Resumo

Este texto está centrado no processo e estratégias de pesquisa de tese de doutorado já defendida. Seu objetivo é apresentar os caminhos trilhados para elaboração da tese que trata do Currículo da Educação Infantil e sua relação com datas comemorativas. Propôs-se a ouvir sujeitos envolvidos no cotidiano desse currículo – profissionais e crianças. A pesquisa é um exercício de compreensão do particular como forma de apreensão do real, olhando a especificidade como parte de um todo no qual se insere e representa. Os indícios encontrados no campo específico da pesquisa, dizem respeito a ele, mas não só.

Dizem respeito à totalidade que o produz, aos sistemas, às escolas, aos sujeitos implicados com a Educação Infantil e seu currículo.

**Palavras-chave:** Pesquisa – Currículo – Educação Infantil

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela PUC-Rio (2016), Mestrado em Educação pela PUC-Rio (2011), Graduação em Pedagogia pela UFF (2000). Supervisora Educacional MTD II da Fundação Pública Municipal de Educação de Niterói, Professora I MTD III da Fundação Pública Municipal de Educação de Niterói.

---

## Abstract

This text is centered in the process and doctoral thesis research strategies already advocated. Your goal is to present the paths for the preparation of the thesis dealing with the curriculum of early childhood education and its relationship with anniversaries. It was proposed to hear those involved in the daily curriculum that - professionals and children. The research is a particular understanding of the exercise as real apprehension so, looking at the specificity as part of a whole in which it operates and is. The evidence found in the specific field of research, relate to it, but not only. They relate to all the produce, systems, schools, the subjects involved with the Children's Education and curriculum.

**Key words:** Search - Curriculum - Early Learning

O presente texto é um recorte de tese de doutorado, já defendida, que trata do Currículo da Educação Infantil e sua relação com datas comemorativas que se propôs a ouvir sujeitos envolvidos no cotidiano desse currículo – profissionais e crianças. Este recorte está centrado no processo e estratégias de pesquisa, seu objetivo é apresentar os caminhos trilhados.

A pesquisa, realizada em uma rede municipal da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, ocorreu nos anos de 2014 e 2015 em uma escola exclusiva de Educação Infantil e em uma escola de Ensino Fundamental com turmas de Educação Infantil.

É um exercício de compreensão do particular como forma de apreensão do real, olhando a especificidade como parte de um todo no qual se insere e representa. Logo, a organização, as contradições, as práticas, as lógicas, as ausências, as presenças encontradas no campo específico da pesquisa, dizem respeito a ele, mas não só. Dizem respeito à totalidade que o produz, aos sistemas, às escolas, aos sujeitos implicados com a Educação Infantil e seu currículo.

## Ciências Humanas e a pesquisa sobre Currículo

*Cabe ao pesquisador assumir a responsabilidade de sua posição singular, ou seja, assumir a exotopia constitutiva da pesquisa*

(KRAMER, 2013, p. 43).

A pesquisa em Ciências Humanas é movida tanto pelo conhecimento na área quanto pelas mudanças contínuas na sociedade. No que diz respeito à Educação, ambos os fatores se intensificam. A Educação se constitui teoricamente no diálogo e interseção entre diferentes áreas das Ciências Humanas. Logo, está relacionada à produção e acúmulo de conhecimentos dessas áreas como também à realidade social que a impacta continuamente. O diálogo e os saberes que se produzem cotidianamente na escola tendem a constituir novos ou renovados, diversos e distintos, amplos ou específicos, conhecimentos sobre a escola, seus sujeitos e a sociedade na qual ela está inserida.

Todo esse processo produz formas de olhar, compreender e explicar o campo, que se traduzem em orientações e procedimentos teórico-metodológicos. São diferentes abordagens metodológicas para pesquisar um campo que se modifica, que tanto permite quanto exige outras abordagens metodológicas.

Em “Segredos e Truques da Pesquisa”, Becker (2007), apresenta, a partir de sua própria experiência como pesquisador e professor, uma coletânea de orientações, como ele mesmo classifica, pragmáticas. Becker parte da desmistificação do processo de pesquisa e afirma que quanto menos sabemos objetivamente sobre o tema da nossa pesquisa, mais tendemos a enxergá-lo com nossas próprias convicções e visões. De acordo com o autor, o pesquisador, ao contar a história de como chegou e checkou suas conclusões, produz teoria.

Para contar essa história, buscamos conhecer o currículo da Educação Infantil de uma determinada rede de ensino e das

suas escolas, procurando compreendê-lo em todas as vertentes possíveis, focalizando a sua relação com o calendário civil e religioso, através da observação e escuta de profissionais e crianças. Para subsidiar esse processo estabelece o diálogo com as referências teórico-metodológicas da perspectiva histórico-cultural. Os principais autores que orientaram o processo de pesquisa e análise são Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin.

### **A postura ética e a ousadia de transver a realidade: Contribuições de Bakhtin e Benjamin**

*Minha vida é a existência que abarca no tempo as existências dos outros (BAKHTIN, 2010, p. 96).*

*Assim, por uma pequena brecha no muro, cai um raio de luz no gabinete do alquimista e faz relampejar cristais, esferas e triângulos (BENJAMIN, 1995, p. 30).*

A teoria de Bakhtin (1999, 2010) opera com um leque de conceitos e formas de estar no mundo. A assunção de que nos constituímos com e através do outro tende a produzir uma atitude mais responsável sobre a relação com esse outro que nos constitui e que se constitui em seu encontro comigo, seu outro.

Fazer pesquisa em Ciências Humanas sob esse prisma humaniza a forma de produzir conhecimentos. Tende-se a fazer uma ciência humana, que percebe e respeita os sujeitos da pesquisa como constituídos e constituintes nas relações com outros sujeitos, inclusive o pesquisador.

Bakhtin contribui com esse outro modo de fazer ciência e de produzir conhecimento ao desenvolver também os conceitos de alteridade, empatia e exotopia, os quais contribuem com uma postura ética frente aos sujeitos pesquisados que não compromete a própria percepção do pesquisador sobre os mesmos.

De acordo com Freitas, analisar a pesquisa em Ciências Humanas a partir dos pressupostos de Bakhtin, é “um encontro entre dois sujeitos, dois autores”, “numa dimensão alteritária” (FREITAS, 2007, p. 32). Amorim afirma que “sem reconhecimento da alteridade não há objeto de pesquisa” (AMORIM, 2004, p.29) e que é “em torno da questão da alteridade que se tece uma grande parte do trabalho do pesquisador” sendo “um dos eixos em torno dos quais se produz o saber” (idem, p.28). Logo, é no reconhecimento e relação com o outro, que me constitui e se constitui na relação comigo, no reconhecimento e valorização das nossas diferenças que a pesquisa se dá. Segundo a autora, essas diferenças que, no limite, impossibilitam o diálogo, permitem que se construa o objeto da pesquisa e o conhecimento sobre o humano (ibidem, p.29).

A empatia possibilita que eu me identifique com ele, o veja a partir de seu horizonte, olhar de onde ele olha. A empatia permite a fusão de consciências distintas. No entanto, a empatia, a confusa relação de extrema identificação e proximidade, ao mesmo tempo em que permite penetrar e conhecer o outro e seu ponto de vista, seu horizonte, não permite lidar com esse conhecimento de forma separada do próprio sujeito. De acordo com Bakhtin (p.13, 2010), “às vezes é difícil até colocar-se fora do companheiro de acontecimento da vida” o que, segundo o autor, “deforma a visão”. Para ter uma visão do outro:

*eu devo entrar em empatia com esse indivíduo... colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, contemplar o horizonte dele como excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse meu excedente de visão, o meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, p.23, 2010).*

Sob essa perspectiva, “a atividade estética começa propriamente quando retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar... quando damos acabamento ao material da penetração” (BAKHTIN, p.25, 2010), ou seja, da minha identificação com o outro.

Para Bakhtin (2010), a aproximação e o distanciamento do outro produzem exotopia; a percepção do excedente de conhecimento sobre o outro que só a alternância de penetração e distância possibilita. Excedente de conhecimento singular e insubstituível, assim como os sujeitos; pesquisador e sujeito pesquisado são singulares em seu lugar no mundo. Exotopia ocorre no olhar que se aproxima, penetra, se funde e retorna ao lugar do qual pode dar acabamento ao que viu e vê, permeado pela sua própria singularidade, sua própria forma de estar no mundo.

*Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, de sua posição fora e diante de mim, não pode ver (BAKHTIN, 2010, p.21).*

Logo, a posição em que me encontro em relação ao outro é única e ele jamais poderá ocupá-la em relação a si mesmo. Eu o vejo e o conheço de uma forma que ele só poderá acessar através de mim, do acabamento que dou a ele nesse momento, fruto desse processo de aproximação e distanciamento

Amorim (2007) aponta que, nesse propósito estético de acabamento, num movimento exotópico, ao assumir a autoria do que escrevo, ao assinar aquilo que concluo, se impõe a dimensão ética e responsável sobre aquilo que faço, do lugar que me encontro e ocupo, lugar singular que só pode por mim ser ocupado, num dado momento, sob dadas circunstâncias.

Dessa forma, também o pesquisador, ao olhar de onde e para onde o sujeito da pesquisa olha, também olha de onde esse sujeito jamais poderá fazê-lo e por isso poderá enxergar

o que ele não pode enxergar. Poderá ver, compreender, constatar e escrever de forma diferente do próprio sujeito. Seu compromisso ético, não é a fidelidade ao sujeito, mas com o que a totalidade de seu excedente de visão possibilita.

Os pontos de vista desses sujeitos envolvidos no processo de pesquisa, pesquisador e pesquisado, configurados no excedente de visão, constituem um acontecimento estético que, de acordo com Bakhtin (p. 20, 2010), pode realizar-se apenas na presença de dois participantes, porque pressupõe duas consciências que não coincidem. O entendimento de que nos constituímos na relação com o outro através da linguagem, de forma singular, ainda que inseridos em um dado contexto, nos conduz à perspectiva de que a pesquisa em Ciências Humanas se dá entre sujeitos em contínuo processo de constituição.

A alteridade é pano de fundo dessa discussão segundo a teoria de Bakhtin, uma teoria que transita dialeticamente no social e no singular, com a concepção de que todo sujeito é um sujeito histórico, social e cultural. Para conhecer esse sujeito é preciso estar em empatia com ele, ir ao seu encontro, penetrar na sua forma e lugar de perceber o mundo. Em seguida, é preciso afastar-se, tomar a distância necessária para enxergá-lo em sua totalidade, com o excedente de visão que só eu posso ter por vê-lo do lugar que ocupo. Tendo feito esse trajeto e esse processo exotópico, posso então dar-lhe acabamento responsabilmente, assinando e assumindo aquilo que vejo e concluo, aquilo que será um conhecimento ético/estético a respeito daquilo e daquele sobre o que ou o qual me debrucei e me propus conhecer. Esse conhecimento é único e singular porque construído sobre, com e por sujeitos singulares, em um dado momento histórico-social.

Além dessas contribuições para a relação ética entre pesquisador e pesquisado, trago para as reflexões sobre currículo as considerações bakhtinianas sobre carnavalização (BAKHTIN, 1999). O conceito de carnavalização tem a ver com inversão e permutação hierárquica, de valores e sentidos,

junto à ambivalência e ambiguidade reveladas nas diferentes formas e sentidos do que simboliza a organização social, com o próprio inacabamento da existência.

Analisar o currículo tão frequentemente encontrado na Educação Infantil, organizado em/por datas comemorativas, sob a perspectiva da carnavalização introduz outra possibilidade de compreensão. Esse currículo se mantém inalterado através do tempo pelas mesmas razões pelas quais se estabeleceu? É a inculcação ideológica que ainda o mantém, essa manutenção se dá como um resquício de poder, ou se trata de automatismo?

De acordo com Discini (2006), a carnavalização afasta da fixidez e do acabamento e seu elemento constituinte é a noção de limiar, um tênue limite entre um significado e outro. Dessa forma, esse currículo assim tradicionalmente constituído é uma coisa ou outra (inculcação ou inversão), mas também pode ser uma coisa e outra, transitando na ambiguidade e imprecisão.

Essa é a forma delineada para a análise do currículo organizado em torno das datas comemorativas e das considerações sobre os que o realizam na escola. Mais que saber se é um ou outro, se é um e outro, é preciso refletir com seus agentes, atores, sujeitos sobre essas possibilidades e conhecer as ambiguidades e contradições.

Para Benjamin (1995), quem apenas sobrevoa a estrada e a vê situada na paisagem a conhece de forma diferente de quem anda em suas voltas e ruas. O sobrevoa é o início do conhecer, mas trilhar seu percurso possibilita conhecê-la em suas voltas e clareiras. O sobrevoa permite uma primeira impressão, um conhecimento de fora. Trilhar as curvas é penetrar, conhecer por dentro e conduzir-se através dela.

Benjamin, um crítico da modernidade, colabora com o pesquisador ao propor princípios e modos para compreender a realidade. Para o autor (BENJAMIN, 1995, p.129), é preciso observar *o reticulado do avesso*, olhar para além do aparente, para além da ordem estabelecida. Pois, é no emaranhado dos

fos do avesso que se pode conhecer o que sustenta a aparente ordem e beleza do bordado. A harmonia que se apresenta aos olhos abriga caminhos desordenados, confusos emaranhados, cortes, nós e arremates. Para conhecer é preciso virar o avesso, anuncia Benjamin.

A desconfiança da harmonia aparente no bordado remete a uma passagem de sua obra na qual, ao criticar o momento de instabilidade na Alemanha comenta que “relações estáveis não precisam nunca e em tempo algum ser relações agradáveis e já antes da guerra havia camadas para as quais as relações estabilizadas eram a miséria estabilizada” (BENJAMIN, 1995, p.20). Uma aparente calma não significa que não haja situações a serem desveladas e trazidas à tona.

A impressão superficial de que é “natural” a preponderância de datas comemorativas nos currículos da Educação Infantil incorre em dois equívocos. Primeiro, nada em educação é natural. A educação, a escola, sua organização são fatos da cultura, são produções humanas e, como toda produção humana, estão sob condições histórico-culturais. E, ainda haja a crença em um consenso que naturaliza o que é cultural, não é possível ignorar que há infâncias e crianças sujeitas ao impositivo formatador ideológico desse currículo.

Apoiada em Benjamin, busco o avesso ouvindo vozes das crianças e dos adultos que me deem indícios de como esses sujeitos apreendem e compreendem a estabilidade curricular que pousa sobre datas, o que aprendem sobre si, o outro e a cultura através desse currículo.

## A escuta como pressuposto metodológico na pesquisa com crianças

*A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais*  
(BAKHTIN, 2012, p. 67).

Essa pesquisa se orienta a partir de uma concepção de criança e infância que converge com o dialogismo abordado por Bakhtin e com a premissa da linguagem na centralidade que propõe Benjamin.

Criança, ser expressivo e falante, sujeito singular, que tem o que dizer, constituído na e com a linguagem, constituinte de/em um contexto. Crianças que integram a infância(s), “categoria social estrutural permanente pela qual todas as crianças passam” (QVORTRUP, 2010, p.638). Categoria geracional, segundo Sarmento (2005), que possui a mesma experiência histórica produtora de uma “consciência comum” que a acompanha pela vida (idem, p.364).

A Filosofia, em diálogo com essa perspectiva, reitera que “existem também outras infâncias, que habitam outras temporalidades, outras linhas, infâncias minoritárias” (KOHAN, 2004, p. 5). Para o autor, essas infâncias são experiência, acontecimento, ruptura; não continuidade e conformação; podem ser revolução, resistência e criação. Resistem a padrões “totalizadores, totalizantes e totalitários” (idem), ousando interromper a história e atravessá-la, se constituindo nos detalhes, na possibilidade e não no que lhes é designado, no que é fixado e antecipado para o outro. Para Kohan (2004, p.5), “espaços propícios para essas infâncias são aqueles em que não há lugar para os estigmas, os rótulos, os pontos fixos”.

Os fundamentos teóricos dessa pesquisa nos conduzem ao princípio metodológico da escuta. Ouvir, buscar compreendê-las em sua totalidade e singularidade, é a forma de encontrá-las em meio a relações hierárquicas, verticais e adultocêntricas.

Corsaro (2005), ao relatar as suas primeiras incursões em pesquisas com crianças, observa os adultos e seu padrão de comportamento com elas. O autor destaca seu estranhamento com a forma diretiva de se relacionar dos adultos da escola com as crianças. Ele então utiliza o que denomina *entrada reativa*, que consiste em abrir mão da tradicional conduta diretiva do adulto frente à criança e deixar-se estar com elas, tornar-se presente como mais um até que elas reajam a sua presença. Dessa forma, a pesquisa com crianças exige por parte do pesquisador um exercício de imersão e entrega ao cotidiano e lógica da criança; a empatia que possibilita a aproximação e o difícil, porém necessário, movimento exotópico que permitirá o acabamento que só esse pesquisador nesse movimento único e irrepitível poderá dar.

### Tecendo estratégias metodológicas

*Todo ato responde; a todo ato, outros atos responderão.*  
(GERALDI, W, p.14, 2013).

De acordo com Benjamin (1995, p.27) “o trabalho em uma boa prosa tem três graus: um musical, em que ela é composta, um arquitetônico, em que ela é construída, e, enfim, um têxtil, em que ela é tecida”. Sobre esse prisma, a pesquisa foi composta, pensada, idealizada, construída e ao mesmo tempo tecida em um texto.

Como parte do grau arquitetônico foram entrevistados quatro estudiosos dos dois campos da pesquisa: Educação Infantil e Currículo. Seus nomes foram escolhidos devido a suas histórias e inserção em suas respectivas áreas de estudo. São eles **Antônio Flávio Barbosa Moreira**, Doutor em Educação pela UFRJ, autor de diversos livros e artigos sobre Currículo; **Aristeo Gonçalves Leite Filho**, Doutor em Educação pela PUC-Rio e professor e pesquisador sobre Educação Infantil; **Maria Fernanda Rezende Nunes**, Doutora em Educação pela UFRJ, professora e pesquisadora sobre Educação Infantil e

Políticas de Educação; **Zilma de Moraes Ramos de Oliveira**, doutora em Psicologia pela USP, professora e pesquisadora sobre Educação Infantil e Infância. Essas entrevistas compõem o arcabouço teórico da pesquisa em sua interseção entre Currículo, Educação Infantil e Datas Comemorativas.

Devido à riqueza de informações que se poderia extrair, tanto no que diz respeito ao resgate do vivido e documentado, quanto ao recorte do momento atual da rede e das escolas em relação ao currículo, foram analisados documentos da rede e das 66 escolas relacionados ao currículo, incluindo os Projetos Político- Pedagógicos das mesmas.

O trabalho no campo consistiu na observação em duas escolas da rede, uma exclusiva de Educação Infantil, **Escola A**, e outra de Ensino Fundamental com classes de Educação Infantil, **Escola B**. A escolha das escolas observadas se daria a partir da análise de como os Projetos Político-Pedagógicos – PPPs, tratam ou não as comemorações de datas do calendário civil e religioso no currículo. Mas, isso não foi possível e a escolha se deu por indicação da Coordenadora de Educação Infantil da rede pesquisada.

Foram observadas as práticas curriculares em atividades livres e/ou dirigidas, em especial quando relacionadas ao trabalho com datas comemorativas, bem como a participação das crianças nas mesmas. Além da observação, a proposta metodológica da tese incluiu rodas de conversa, utilizando imagens, objetos, músicas e histórias que contribuíssem para a conversa com e entre as crianças, buscando ouvir delas o que aprendem e compreendem sobre e a partir do trabalho com datas comemorativas. Os temas das rodas de conversa foram o carnaval, a páscoa, o índio, a mãe e a criança, acontecendo sempre em dias seguintes a essas comemorações na escola.

Também conversei com as crianças durante a realização de atividades relacionadas a datas e outros tipos de atividades, buscando ouvir delas relatos sobre o sentido, a importância e o prazer em realizá-las. Em ambas situações - rodas de conversa e conversas individuais - procurei escutar e compreender as

vivências, desejos e necessidades das crianças, identificando temas do seu interesse. As crianças foram convidadas também a registrar em desenhos as conversas e suas atividades.

Foi realizada uma entrevista coletiva com sete profissionais das turmas observadas. Entrevistas com profissionais são de grande relevância para esta pesquisa. Marcondes e Tura destacam esse ponto quando comentam a relação entre conhecimentos escolares e identidades docentes:

*Os conhecimentos escolares se inserem no campo de produção de identidades docentes, desde que sejam concebidos para além de sua apresentação mais formal, analisados como organizadores de sentidos no espaço escolar e se afirme sua expansão e atualização fora dos documentos legais ou de um conhecimento oficial e legitimado. Nesse sentido, se vinculam à dinâmica das relações socioculturais de um tempo e lugar (MARCONDES e TURA, 2005, p.3).*

A entrevista coletiva foi realizada nas dependências da **Escola A**, em um sábado letivo de agosto de 2015. Todas as professoras se dispuseram a participar, sendo que a professora da turma A3 não pode comparecer no dia combinado devido a compromisso de estudo no mesmo horário. Para a realização da entrevista, houve expressivo apoio das direções das duas unidades que se dispuseram a ceder espaço para a realização da mesma, bem como em ceder tempo de participação das professoras em atividades de estudo e planejamento. A entrevista foi gravada e transcrita posteriormente.

A entrevista, realizada a partir de roteiro semiestruturado, se confirmou, como já apontava Kramer (2007), em um tempo/espaço no qual os sujeitos implicados revestem suas narrativas de maior intensidade, as convergências e divergências se evidenciam e a relação hierárquica entre pesquisador e pesquisados é redimensionada. Essa experiência possibilita que a narrativa seja ao mesmo tempo fluida e potencializada, enriquecendo a dialogicidade.

Realizadas a observação, as atividades com as crianças e as entrevistas, passamos à análise do material de registro e à escrita da história da pesquisa, como diz Becker (2007). Análise essa que pressupõe um novo diálogo com os dados construídos e os sujeitos da pesquisa, e que permite a escrita de um conhecimento possível, em um dado contexto, em um dado momento singular.

### **Apontando caminhos. Deixando rastros...**

*A humanização da humanidade não tem fim, é sempre processo*

*(Geraldi, W. 2013, p.14).*

Pesquisa é compromisso. Pesquisar é estar comprometido com algo. Em Ciências Humanas o compromisso é com o outro, um sujeito real que transita entre e com nós mesmos. Uma pesquisa em Educação é absolutamente comprometida com os seus sujeitos, crianças e adultos. Compromisso que é ético e responsável como propõe Bakhtin. Pesquisar é um ato ético, responsável e único, singular. Realizá-lo é complexo, por vezes, penoso. Realizar o movimento exotópico de ida e vinda, busca e retorno, aproximação e distanciamento a que nos propomos, exige olhar para o outro meticulosa e cuidadosamente. Olhá-lo em seu contexto, ouvi-lo em sua singularidade, respeitá-lo em sua contradição, apostar na sua potência. O compromisso e responsabilidade também nos constrange a desconfiar das harmonias, das formas aparentemente bem organizadas, olhar a aresta, o avesso como nos instiga Benjamin.

Com esses parâmetros teóricos, que inundam a pesquisadora, a tese se concluiu, assim como esse texto, mas não as inquietações. No intento de concluir, foi preciso retomar as questões iniciais da tese, seus objetivos, suas perguntas, discorrer sobre os achados e perdas da pesquisa, os encontros, as surpresas. Por fim, assumindo a responsabilidade ética de estar neste lugar, neste momento, com estas informações e conhecimentos, usei propor aos diferentes segmentos

envolvidos no âmbito da pesquisa. Esta ousadia se avaliza em Kramer (2013, p.41) ao afirmar que “a pesquisa em educação visa não só conhecer o mundo, mas sobretudo, transformá-lo”.

O processo de pesquisa que originou esta tese possibilitou situações em que o cotidiano, aparentemente estável, abrisse fissuras, frestas de desconforto, de desestabilização. Estar diante de um outro que pode olhar de forma diferente a sua prática gera sentimentos nem sempre agradáveis. Possibilitou ainda encontros entres diferentes, gerando inquietações que, certamente, modificaram a todos os envolvidos. Ainda que essa mudança seja tênue, seja apenas um incômodo, ela provoca uma desconfiança sobre um fazer estático, fechado. Construir-se é um processo infinito, de rumos incertos, contraditórios. Processo que caminha sobre e em torno de pontos seguros, pequenas certezas, imprecisas verdades. O encontro com os sujeitos da pesquisa e seu contexto mexeu com certezas e verdades, estremeceu algumas, adensou outras. Daqui de onde olho o campo agora, reitero que há demarcações sem as quais a oferta de uma boa Educação Infantil fica comprometida que vão desde a estrutura física à profissionalidade dos sujeitos que lidam com as crianças.

A Educação Infantil é um espaço de inserção na sociedade e na cultura, local de encontro com o outro – crianças e adultos – que contribuirão para a constituição das subjetividades dos sujeitos envolvidos. Essa rede de ensino, essas escolas, essas práticas possibilitaram as análises desta tese. As análises dizem respeito a esse campo específico pesquisado, mas também à totalidade que o produz e o formata, em que está inserido e que pode influenciar. Como seres inacabados, em permanente processo de humanização, podemos fazer sempre diferente do estabelecido, apontar para o futuro, nos refazer a cada nova interação, nova experiência, novo encontro, novo diálogo, no qual haverá sempre algo mais a dizer e a fazer.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. O Pesquisador e seu Outro. São Paulo: Editora Comportamento, 2004.

AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In FREITAS, M. T., JOBIM e SOUZA, S. e KRAMER, S. (orgs.). *Ciências Humanas e Pesquisa – Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

BAKHTIN, M. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 2012.

BECKER, H. S. Segredos e truques da pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENJAMIN, W. Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única. São Paulo; Brasiliense, 1995.

BENJAMIN, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades, Ed.34, 2002.

CORSARO, W. A. 2005. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n.91, p. 443-464, mai/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

DISCINI, N. Carnavalização. In BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

GERALDI, J. W. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin. In FREITAS, M. T. (org.). *Educação, Arte e Vida em Bakhtin*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

KOHAN, W. 2004 Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância. *Trabalho encomendado pelo Gt de “Educação Infantil – 0 a 6 anos” para a 27ª Reunião Anual da ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu, 2004.*

KRAMER, S. Entrevistas Coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In FREITAS, M. T., JOBIM e SOUZA, S. e KRAMER, S. (orgs.). *Ciências Humanas e Pesquisa – Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

KRAMER, S. A educação como resposta responsável: apontamentos sobre o outro como prioridade. In FREITAS, M<sup>a</sup> Teresa (org.). *Educação, Arte e Vida em Bakhtin*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

MARCONDES, M.I. TURA, M. de L. 2005 Identidades Profissionais Construídas na Prática Docente. *Educação on-line*. PUC-Rio. nº1, p. 2005.

SARMENTO, M. J. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n.91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

